

VIII - MAIS DECEPÇÕES

Em 1977, no Rio de Janeiro, creio que mais para o início do ano, conheci uma senhora que naquela época era ela neófita Rosa Cruz e também freqüentadora de alguns grupos telepatas que dizem estar recebendo mensagens de “seres” de outros planetas. Um dia, ela fez um convite para que fossemos a casa dela. Aceitamos. Quando chegamos lá, ela nos disse que também era pesquisadora. Eu não gostei desta revelação porque isto significava ter que contar mais uma vez o contato para uma pesquisadora. Enfim, fizemos novamente o relato. Tudo correu bem. Ela parecia ter gostado de que acabara de ouvir. Fizemos amizade, e, por várias vezes, voltamos a sua casa.

Um dia, enquanto preparava o almoço, ela nos contou a respeito do contato que ela tinha com um extraterreno chamado Buller, dizendo que, quase toda noite, ele vinha com sua nave, parava perto de seu apartamento e, então, falava telepaticamente com ela. Eu não sabia como estes contatos telepáticos eram feitos, mas já tinha tido experiências anteriores com telepatas, que me desagradaram bastante, porque eu sabia que eles estavam mentindo para nos forçarem a falar coisas que eles achavam que eu e meu companheiro estávamos escondendo. Eu não costumo desacreditar das pessoas e não seria dela que eu iria duvidar, embora eu achasse tudo aquilo muito estranho, pois ela me explicava que bastava fechar os olhos para estar em contato com os “seres”. Mas este detalhe não atrapalhou nossa amizade.

Um dia, ao visitá-la, a encontramos muito aflita, porque iria haver, no Rio de Janeiro, um encontro ufológico onde os pesquisadores dariam palestras, uma mesa julgadora iria avaliar alguns trabalhos e o melhor receberia um prêmio em dinheiro. Ela queria concorrer, mas estava sem idéia para desenvolver um tema e, naquele dia, ficamos praticamente todo o tempo buscando um tema para que ela pudesse apresentar um trabalho e concorrer ao prêmio. Logo nos veio à idéia de apresentar como tema o acidente da Terra e a origem do homem, como Karran me havia dito. Passamos, então, a desenvolver a idéia, eu a relatar os dois assuntos e meu companheiro anotando o que eu dizia. Quando ela viu os dois textos, gostou, e, por isso, nos três dias



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

seguintes, voltamos a casa dela para ajudá-la com o texto. Quando ficou pronto, ela levou para ser gravado. Depois fez uma montagem da fita com slides. Foi um trabalho longo, mas valeu a pena.

Finalmente, chegou o dia do encontro. Ela ficou muito nervosa antes da apresentação porque vários trabalhos já tinham sido apresentados, um deles, realmente muito bom, sobre as pedras de Ica. Mas, tudo correu bem. No momento em que ela foi chamada para apresentar o trabalho, fez uma pequena introdução para agradecer às pessoas que haviam colaborado para a sua realização, citando o meu nome, o de meu companheiro, e também o de Karran a quem ela agradeceu da seguinte maneira:

– “Quero agradecer ao extraterreno Karran por ter trazido para a nossa Terra novos conhecimentos sobre a origem do homem”.

Ela não ganhou o primeiro prêmio, mas o trabalho foi muito aplaudido. Não tenho certeza, mas me parece que ela ficou com o terceiro lugar, pois o primeiro ficou com o pesquisador que mostrou suas descobertas sobre as pedras de Ica, e o pesquisador Paulo Fernandes, mais conhecido como Paulo da Baía, ficou com o segundo lugar, com um filme de um disco voador feito por ele e sua equipe. Nossa amiga não gostou muito do terceiro lugar, mas, a partir desse encontro, ela tornou-se conhecida e bem vista no meio ufológico, passando então a ser convidada para mostrar seu trabalho em vários lugares.

Eu me mudei para Belo Horizonte ficando assim afastada de muitas reuniões ocorridas no Rio de Janeiro, mas a impressão que o trabalho havia deixado fora tão boa que o General Uchoa, quando realizou o primeiro Congresso Internacional de Ufologia, em Brasília, em 1979, nos convidou para o encerramento – eu, meu companheiro e nossa amiga.

Foi então que veio a primeira surpresa. Ela trouxera consigo várias fitas gravadas do trabalho que tínhamos feito juntas e estava vendendo essas fitas sem a nossa autorização. Mas o pior ainda estava por vir. No momento em que ela apresentou o trabalho para o público ali presente, meu nome, o de meu companheiro e o nome de Karran não foram sequer mencionados. Desta vez ela disse ter recebido esta mensagem de um tal comandante Buller dos discos voadores.



D. Irene e o General Uchoa não gostaram da atitude da referida senhora e a condenaram como traição prometendo-me resolver o problema. Somente sei que ela não parou e continua vendendo cópias gravadas do nosso trabalho, até hoje, como sendo mensagem recebida telepaticamente.

Naquela época eu me fazia a seguinte pergunta: Será que essas frustrações acontecem com todas as pessoas que têm contato ou somente comigo? Hoje eu sei distinguir entre um contato efetivo, necessariamente físico, e os pretensos “contatos telepáticos”. Como o meu contato foi e é físico eu acreditava que os contatos que as pessoas diziam ter tido eram igualmente verdadeiros. Foi à experiência que me ensinou a separar uma coisa da outra.

A nossa “amiga” somente chegou à conclusão de que seu contato com Karran era imaginário, no dia em que ela disse ter recebido uma mensagem de que iria se casar com um norte-americano que ela já conhecia. Como o seu pretendido não queria se casar com ela, o tal “Karran” orientou-a “telepaticamente” para que ela o levasse para um sítio de minha propriedade próximo a Belo Horizonte. Ali, o tal “Karran” falaria com o rapaz pessoalmente para que ele aceitasse o casamento. Mas como as previsões telepáticas dificilmente se confirmam, desta vez não foi diferente.

Tudo isto ocorreu antes da decepção que vivi no Congresso de Brasília mas eu já desconfiava de que o “contato” dela com Karran não era verdadeiro. Porém qualquer coisa que eu dissesse poderia soar como despeito. Por esse motivo eu não punha em dúvida a veracidade daquelas “mensagens” de Karran. Minha suspeita tinha fundamento. Afinal, Karran me dissera, certa vez, que, em seu mundo não há casamento.

